

FARMACIA VIVA, HOJE

Sobre plantas medicinais e ritos: uma abordagem antropológica

Jaína Linhares Alcantara

<https://orcid.org/0000-0002-4069-7565>

Professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará

Contato: e-mail: jainalc@gmail.com

Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente (Anzaldúa, 2005, p. 706).

Pretendo expor, através de uma autoetnografia, alguns dos aprendizados socioculturais transmitidos entre gerações sobre plantas medicinais presentes na região da Ibiapaba – Ceará. Por meio de análise de eventos como rituais de cuidado.

A autoetnografia é um tipo de trabalho acadêmico-científico, recente para a antropologia, se assim pensarmos a etnografia como o modo pelo qual realizamos pesquisas que fizeram emergir a antropologia como um tipo de produção específica nas ciências sociais, em meados dos anos de 1920. Autoetnografia, com presença marcante a partir do século XXI, é um tipo de abordagem que toma como válidas e importantes vivências e aprendizados que foram introjetados a partir de práticas e discursos, partes constituintes das experiências da pesquisadora em questão.

“...a autoetnografia é um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro” (Santos, 2017, p. 221).

Esse modo de escrita analítica faz parte do que torna potente escritas como as que vêm robustecendo os estudos sobre gênero, raça e etnia. A exemplo disto remeto-me a inspiradora Glória Anzaldúa, que se apresenta como mestiza, em seu texto “Consciência da la mestiza/ Rumo a uma nova consciência”.

La mestiza é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro. Ser tricultural, monolíngüe, bilíngüe, ou multilíngüe, falando um patois, e em um estado de transição constante, a mestiza se depara com o dilema das raças híbridas: a que coletividade pertence a filha de uma mãe de pele escura? (Anzaldúa, 2005, p. 705).

Ainda que minha pele não seja escura, apesar de me ver morena, acredito que as experiências que vivi no ambiente rural, convivendo com avós, tias/tios, primas/primos, e outros moradores da região rural entre as cidades pequenas nas quais vivemos me situo como subalternizada frente a forma como, por ex., o Sudeste nos vê e nos tratou política e economicamente por séculos. Ou para aumentar as proporções, como o Norte global observa e trata o Sul global em seu desdém e usos que lhes são úteis. Porém, ser mestiza é reconhecer que há a possibilidade de fazer emergir com valor práticas e aprendizados que foram sendo apagados oficialmente, porém nos fazemos estes permanecerem oficiosamente.

Neste sentido, a autoetnografia busca transmitir, utilizando-se de algumas ferramentas, como observação apurada, rememoração e coleta de relatos e registros, assim como de entrevistas selecionadas, entre outras formas de analisar dados e informações, o que permaneceu, o que resiste e o que mudou em determinados processos de formação de sujeitos, grupos, redes, modos de adjuntamentos que se forjaram para permanecer existindo.

Parto desta proposta para escrita do texto/ensaio que trata de ritos de aprendizados sobre plantas medicinais e os cuidados com a saúde. Trazidas de uma família (Linhares) de cearenses que viveram e cresceram entre os municípios de Ubajara, Ibiapina e Fortaleza, mas que migram e consigo levam rituais de cuidado e cura por onde estão. Desde que lhes seja possível acesso a materiais que lhes servem para a produção e realização de preparos feitos a base de plantas (folhas, raízes, cascas e resinas).

Mas, antes gostaria de descrever algo que minha mãe, Eudina Linhares, nos contou – algumas vezes, ao longo de nosso (meu e de minha irmã) período de alfabetização. Quando estávamos aprendendo a segurar o lápis para escrita, ela rememorava o que viveu com sua mãe (Maria Linhares) – explicando e justificando, reconhecendo seu acesso ao estudo até o magistério e também refletindo sobre sua prática docente – como sua mãe lidava de modo distinto ao seu com relação a processos de ensino e aprendizado.

Minha mãe lembrava que nasceu com habilidade proeminente na mão esquerda, assim como sua mãe, minha avó. Mas, minha avó ao vê-la aprendendo a escrever com a mão esquerda tomava-lhe de repente o lápis daquela mão e enfiava-lhe na outra, a direita, “chega levava um susto” dizia minha mãe, ao que minha avó argumentava dizendo que escrever com a mão esquerda era errado ou pecado.

O que pretendo mostrar com essa narrativa é que há mudanças que são operadas ao longo das gerações e acessos a determinados tipos de conhecimento que modelam práticas de maneira a tornar crítica a percepção de uma geração em relação a atos da outra, por exemplo. A minha avó que fora alfabetizada formal, lidava de um modo tradicional, e de certa forma assujeitado, com relação as suas crenças e práticas educativas, levando em conta uma lógica autoritária e violenta.

Minha mãe, por sua vez, já compreendia que ser destra ou canhota não faria mal ou tornaria uma criança pecadora pelo tipo de habilidade que se desenvolvia ao escrever ou manusear outros instrumentos com a mão esquerda. E assim, quando em seu tempo ensinava, não reproduzia o que havia vivido, ainda que outras práticas permanecessem. Mas, neste momento, criticava embasada em teorias pedagógicas com as quais teve contato em formações para o magistério.

Trago esse relato tanto para apontar a direção em que vejo e comprehendo a tradição e sua reprodução, como para indicar como rituais operados em torno da tradição podem deixar marcas na memória e no corpo das pessoas. Assim, experiências que lhe são repassadas por gerações que as antecederam através de palavras e práticas, ritos, diferentes dos mitos, podem ser reinterpretadas a partir de lógicas contextuais, de interesses, de disputas, considerando e respeitando processos tradicionais, mas atualizando usos e performances de acordo com o tempo, o espaço e concepções revistas transmutando-se dentre outras coisas em tecnologias disponíveis, operadas em novos rituais.

Para Tambiah, os eventos que os antropólogos definem como rituais parecem partilhar alguns traços: uma ordenação que os estrutura, um sentido de realização coletiva com propósito definido, e também uma percepção de que eles são diferentes dos do cotidiano. [...] o caráter performativo do ritual está implicado na relação entre forma e conteúdo que, por sua vez, está contida na cosmologia (Peirano, 2000, p. 10).

Por compreender eventos como rituais flexíveis e com isso agregar a dinâmica de plasticidade nessa perspectiva, também é importante ressaltar como a eficácia do rito ganha espaço e tempo num contexto em que se realiza e para quem se realiza.

Os Tremembé de Itarema, indígenas que vivem no Ceará, foram acompanhados por Guilherme Valle em estudo etnográfico realizado no início da década de 1990, antes do período de emergência étnica dos povos indígenas do Nordeste. Uma das questões que emergiram desse trabalho foi a análise do torém como um fenômeno cultural (Valle, 2005). Observando a dança em perspectivas como prática tradicional, folclore e ritual. Nas análises de Valle, dentre outros significados, em termos políticos, o torém é dançado e passa a ter significado de forma específica na mobilização étnica.

Tradição [...] a visão que se deve ter de toda a cultura, que é sempre modificada criativamente pelas pessoas que a atualizam a partir da dialética entre a convenção e invenção. De fato, as tradições são vividas socialmente e, portanto, estão sempre abertas à transformação (Valle, 2005, p. 190).

Para trazer a dimensão conflituosa que permeia a noção de tradição busquei no entendimento sobre rituais dançados por povos indígenas do Nordeste a complexidade do fenômeno.

O torém, identificado como um ritual indígena, foi caracterizado em 1860 pela Comissão Científica que percorreu o Ceará e o Norte do Brasil, nas proximidades da Vila de Viçosa. Foi registrado como uma “delicada situação de conflito interétnico” por Valle (2005), a partir da demarcação de terras em 1992, e analisado, por este antropólogo, sobre as dimensões que representam a dança, inclusive acionado em busca de afirmação política em termos de identidade étnica entre e para os Tremembés.

Portanto, as tradições são retomadas e com o tempo reinventadas ganhando feições próprias de cada situação em que emerge como demarcadora de traços que podem trazer agregação, assim como disputas.

PLANTAS MEDICINAIS E SEUS USOS EM RITUAIS EXTRAORDINÁRIOS DE CUIDADOS FAMILIARES

Agora, aqui, falo mais especificamente do modo como apreendi e do contato que tive com plantas medicinais em meio familiar. Esses momentos rituais são como eventos em que tecnologias de cuidado e manutenção da saúde e da vida se operam com base em conhecimentos sobre uso de plantas medicinais, e suas partes manuseadas juntamente a outros elementos em prol de fazer retornar ao estado de bem-estar em saúde da pessoa que passa por adoecimento ou acidente.

Para o que venho apresentar informo em primeiro lugar que uso de algumas dessas tecnologias em meus momentos de aflição, como, dor de cabeça, dor de barriga, desarranjo intestinal, queimaduras, infecções respiratórias, etc. Além disso, outra técnica de coleta de informações foi a negociação de registros gravados com familiares que me ascendem em termos geracional para compor o estudo. Inicialmente conversei com minha tia mais velha, Jove (75 anos), e minha mãe (69 anos), pedindo anuência para realizar uma entrevista gravada. Alguns dias depois elas autorizaram, pedindo que eu não publicizasse o áudio, mas que poderia utilizar o conteúdo na escrita deste texto. Tia Jove comentou quando lhe fiz o convite para a entrevista, “e eu vou saber responder?!”. Ao que respondi: tenho certeza de que o que você disser será importante para o que vou escrever. E ela complementou: “então, você ajeita o que não tiver correto”. E assim, marcamos um encontro no final da tarde na casa de minha tia, para onde levei minha mãe. Sentamo-nos em torno da mesa da sala e fomos servidas de café, tapioca e ovo. Durante isso, fui preparando o gravador do celular para ligar, a medida em que lhes explicava o modo como faria as perguntas que havia preparado, disse-lhes que se elas quisessem parar a gravação poderiam indicar e que se houvesse alguma dúvida poderia ser explicada no início ou ao longo da entrevista.

A primeira pergunta que fiz foi “o que as plantas medicinais significam para vocês?” e Tia Jove respondeu “são medicamentos. É resultado da experiência que vem de avô, de pai e de mãe, e a gente tem feito e tem dado resultado. Tem usado e tem dado resultado. Como o marmeleiro, hortelã, mastruz, flor da catingueira...”. E se remete a um senhor, seu Júlio, amigo de seu pai, dizendo ser “muito sábio”, “ele tinha sabedoria do que hoje pode se comparar aos farmacêuticos, mas era uma sabedoria popular, de conhecimento, né?!” E lembra:

Uma vez eu tava com uma ameba, já fazendo um tratamento com o médico, e já tinha tomado medicamento, e medicamento e medicamento e depois que parava o médico pedia para repetir o exame. Eu repetia o exame e tinha ameba, ainda, de novo. Aí um dia eu conversando com seu Júlio, fui trabalhar com ele no cartório, e ele disse que o remédio de ameba é a flor da catingueira. O chá da flor da catingueira. Ele dizia que só dava no mês de maio, no inverno. Aí a gente colhe e faz o chá. Ele disse pra eu tomar durante três meses, todo dia você toma uma xícara do chá da flor da catingueira. Tomei, e nunca mais senti negócio de ameba (entrevista realizada em 13 de junho de 2024).

No caso, ela aprendeu com alguém que lhe era uma referência em conhecimentos sobre cuidados com saúde como fazer o uso da flor da catingueira em um momento de aflição pelo qual passou quando o uso de medicamentos não surtia o efeito que era esperado por ela, e pelo próprio médico que acompanhava seu tratamento medicamentoso. O exame era decisivo em mostrar que a parasitose persistia. Enquanto ao fazer o uso do chá durante três meses, tomando uma porção uma vez ao dia lhe fez perceber que os sintomas da doença melhoraram e comprovara posteriormente com novos exames.

E o mastruz... a mamãe, quando a gente morava no sítio e criava as galinhas, e uma galinha quebrava a perna, a mamãe fazia... [eu ajudei a ela fazer isso, num sei quantas vezes - falava em paralelo minha mãe] pisava o mastruz e fazia uma pastinha e amarrava com um paninho para emendar a perna da bichinha. E depois de alguns dias a galinha tava andando bem direitinho novamente (entrevista realizada em 13 de junho de 2024).

Os chás e meizinhos vieram acompanhando as culturas de cuidados em saúde que fazem uso de plantas, suas partes como resinas e óleos extraídos de animais como forma de perpetuar conhecimentos desenvolvidos anteriormente a ciência acadêmica, dita racional, se instalar no Brasil profundo. Respeito às tradições que resistem ao longo de gerações e mudanças. Penso que esses eventos são, de algum modo, o reconhecimento em suas fórmulas de modos de buscar efeitos de retomada da sanidade em determinada situação de adoecimento ou mal-estar de forma acessível, testado e transmitido. Eudina diz:

é o jatobá com leite... para anemia. A duas dizem em uníssono: pra anemia. Tia Jove segue: você pega o jatobá, a casca do jatobá. E eu pergunto: casca da árvore ou da fruta? E tia Jove responde: da fruta. Você quebrava a casca da fruta do jatobá. Você tira aquela massinha que tem dentro. Que a gente chamava era de boinho de jatobá. A gente brincava, né. E Eudina acena com a cabeça dando um sorriso e diz "era nossos brinquedos. Naquela época, a gente brincava que o jatobá era como uns bois". Pois bem, aquilo ali você quebrava e botava pra fazer com leite. Gostoso! Mais gostoso do que... parece mais gostoso do que leite com Nescau®. Pergunto: fervia a casca com leite? Tia Jove diz: fervia, e a gente tomava. E era muito bom pra anemia (entrevista realizada em 13 de junho de 2024).

Seguindo a conversa e elas falam ainda de muitas receitas, e uma que ressalta é o uso da cebola branca, "uma pequeninha", era picada e usada misturada com mel e açafroa (uma raiz alaranjada) e servia para infecção de garganta. Assim como o mastruz com leite era usado para expectorar o catarro quando resquícios de gripe ou resfriado persistiam. E elas foram contando que as banhas de téjo (um réptil) ou de galinha caipira misturadas a alho frito e sal era usado como um bom calmante para a tosse. Essas receitas pude experimentar em minha infância, com relativo sucesso, posto que aqui estou levantando-as como possíveis de averiguação farmacológica e possível precisão de medidas e ajustes.

Pensar e falar sobre rituais no atual contexto envolve considerar todo um percurso antropológico em busca de definições mais precisas e caracterização singular de cada um dos seguintes temas: religião, magia e ciência. Frazer, Durkheim, Mauss e muitos outros pensadores das ciências sociais se debruçaram sobre as grandes questões que envolve desde o animismo até as formas como determinadas técnicas de criar e se manter vivos grupamentos se perpetuaram.

Analizar as formas de ritualizar e como se transmutaram a cada acepção, desde ritos e sacrifícios em nome de deuses até a mais atual das concepções que vincula os rituais as performances em grandes centros urbanos, é algo que não tenho como proposta aqui, mas lembro que esse trajeto é longo e que merece olhar aprofundado para quem pretende compreender melhor esse recorte simbólico e porque não dizer político das análises rituais.

A acepção que gosto de trabalhar quando trato de rituais é a de que são modos de fazer, com repetição, que geram a participação engajada de atrizes/atores em fluxo com expectadores, ambos, quem está no centro da ação e quem está observando, são partes desse momento e o que dali surge carrega percepções do que aquela prática deve ter como roteiro, tradicionalmente validado, mas também o que é genuinamente fortuito, e que leva a invenções e outros aprendizados, e assim se atribui eficácia a palavras e atos ritualizados que ganham sentido para a situação na qual é ação.

Esse ano, estava com problemas gastrointestinais, sentindo dor de barriga e com diarreia. Aprendi com minha mãe que o chá da casca da laranja com casca de marmeleiro serve para melhorar dor de barriga e curar a diarreia. Então, retomei a tradição conforme aprendi com minha mãe e peguei as cascas secas que guardo no armário junto com tempero e misturei-as, porém adicionei folhas de boldo, sabendo dos benefícios que essa planta traz para afeções do fígado. Eis a imagem (Figura 1), atualização de uma tradição, que atravessou mais de um século, ganhando outras misturas, conforme aprendizados agregados.

Figura 1 - chá de cascas de marmeleiro, laranja e folhas de boldo



Fonte: Acervo da autora (2024)

Ritos são, portanto, uma junção de ditos e feitos (Peirano, 2002) que se afirmam ao fazer parte do que compõe marcas características de grupamentos humanos. E é através deles que crenças e costumes são reafirmados a cada realização de atos que carregam símbolos e signos agregadores de sentidos para o que sujeitos identificam como efetivos e com valor de verdade no que pode ser parte do que realiza ou permite realizar.

Referências Bibliográficas

- ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3, p. 704–719, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fL7SmwjzjDJQ5WQZbvYzczb/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- PEIRANO, M. G. S. **A análise antropológica de rituais.** Série Antropologia, n. 270. Brasília: UnB, 2000. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2000_a_analise_antropologica_de_rituais.pdf. Acesso em: 1 jul. 2024.
- PEIRANO, M. G. S (org.). **O dito e o feito:** ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/livros/o_dito_e_o_feito.pdf. Acesso em: 1 jul. 2024.
- VALLE, C. G. O. Compreendendo a dança do torém: Visões de folclore, ritual e tradição entre os Tremembé do Ceará. *Revista Anthropológicas*, v. 16, n. 2, p. 187-228, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/23637/19292>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, v. 24, n.1, p. 214-241, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2017.113972>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 25 jul. 2024.